



CONFLUÊNCIAS ENTRE TURISMO, CULTURA E ARTESANATO

MÁRCIA REGINA BECKER

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

marciareginabecker@gmail.com

RESUMO

As discussões apresentadas neste texto buscam compreender as confluências entre turismo, cultura e artesanato. Tomando por base uma pesquisa realizada entre 2012 e 2014 com um grupo de artesãs que, a partir da sua participação com um ponto de venda de artesanato no roteiro turístico “Caminho das Velhas Colônias” passa a reconhecer as deficiências tanto na sua formação e qualificação para o trabalho no artesanato como das dificuldades na criação e no desenvolvimento do design de produtos artesanais com base na própria cultura local e regional. O turismo como um empreendimento passa a influenciar os modos de produzir artesanato de maneira positiva fazendo com que as artesãs, por meio do contato direto com os turistas, passassem a compreender a importância de um plano de ação que buscasse a geração de novos conhecimentos sobre a história e a memória da sua comunidade. No intuito de que esses conhecimentos possam influenciar os processos de criação e design no artesanato, permitindo a produção de produtos portadores da identidade local. O texto ainda fornece subsídios para a compreensão de como ocorre, atualmente, a formação e a qualificação de artesã[o]s no RS e apresenta possíveis caminhos de qualificação com base no turismo – artesanato – cultura.

Palavras-Chave: Artesanato, Cultura, Turismo, Formação de Artesãs.

ABSTRACT

The discussions presented in this text aim to address the confluences between tourism, culture and handcrafts. On the basis of research conducted between 2012 and 2014 among a group of artisans who cooperate in a handcraft vending point along the "Caminho das Velhas Colônias" touristic route, we acknowledged a deficit both in formation and qualifications for the work with handcrafts as well as difficulties in the creation and development of the design of artisanal products rooted in the own local and regional culture. Tourism as an enterprise, affects the modes of production of handcrafts positively as the artisans, through direct contact with tourists, start to understand the importance of an action plan which aims to generate new knowledge regarding history and community memory. This knowledge in turn impacts the processes of creation and the design of handcrafts, allowing the products to be carriers of local identity. The text also offers insight towards the understanding how the formation and qualification of artisans happens in practice in the state of Rio Grande do Sul and presents possible pathways towards qualification on the basis of the interrelations between tourism, handcrafts and culture..

Key words: Handcraft, Culture, Tourism, Artisans Formation.

INTRODUÇÃO

Estudar o turismo é muito mais do que apontar para seus números e discorrer sobre sua importância na economia. É necessário entendê-lo como agente que pode intervir tanto positivamente como negativamente em uma comunidade. O turismo no espaço rural pode impulsionar o desenvolvimento endógeno e desafiar as pessoas de uma comunidade a cuidar da cultura material e imaterial de seu passado e presente.

Na nossa experiência de pesquisar com um grupo de artesãs o turismo, como um empreendimento, aparece como provocador não apenas da produção do artesanato desse grupo mas, sobretudo, como provocador da produção de conhecimentos sobre o próprio lugar. Conhecer mais da rua, da igreja, das construções, das pessoas, da paisagem natural, dos modos de viver e conviver em comunidade se impõe como um desafio que, na nossa leitura, surge da confluência entre turismo e cultura.

Entre 2012 e 2014 desenvolvemos uma pesquisa com um grupo de artesãs, no município de São Pedro da Serra/RS, (Becker, 2014), com a finalidade de compreender a formação que as artesãs realizam, tendo em vista o seu trabalho no artesanato, e de que forma a formação influencia a gestão dos diversos processos inerentes ao trabalho artesanal. No decorrer da pesquisa presenciamos um debate crescente em torno do turismo e as implicações que esta atividade passou a trazer à produção artesanal do grupo. O espaço alugado pelo grupo para comercializar seus produtos passou a ser um dos pontos de visitação dos turistas que fazem o roteiro turístico “Caminho das Velhas Colônias”.

A pesquisa foi realizada com base nos preceitos da Pesquisa Participante e da Educação Popular. Desse modo, acompanhamos o grupo ao longo de dois anos por meio da observação participante e realizamos grupos de discussão, entrevistas individuais e ainda aplicamos questionários. Para a análise dos dados utilizamos o método documentário de interpretação tendo por base os estudos feministas e da pedagogia e ainda das áreas do design e do empreendedorismo.

A observação participante que, conforme Marco Mello (2005, p. 63):

É um mergulho na cultura do outro, no seu habitat, para entender sua lógica, sua ordem simbólica, entrando na teia social que constitui as relações internas do grupo.

Mesmo que esse tipo de observação não exija um roteiro predeterminado com perguntas a serem feitas como em uma entrevista ou em um questionário, a observação participante necessita de planejamento e registro. Nesse sentido as observações foram planejadas para ocorrerem em momentos de formação e de encontros em grupo e foram

registradas por meio de fotografias, filmagens e anotações assistemáticas. A observação participante foi essencial para obter maior amplitude e profundidade sobre o tema.

O grupo de discussão é uma entrevista coletiva, uma entrevista de grupo diferente do grupo focal, por exemplo, e que tem como objetivo, segundo Wivian Weller (2006, 244), “a obtenção de dados que permitem a análise do meio social dos entrevistados, bem como de suas visões de mundo ou representações coletivas”. Para a análise dessas entrevistas contamos com o chamado Método Documentário e com o auxílio dos dados obtidos por meio da observação participante. O Método Documentário consiste, conforme Weller (2010, p. 68), “na compreensão das visões de mundo de um determinado grupo”, isto quer dizer que quem pesquisa tende a documentar as experiências vivenciadas pelas pessoas pesquisadas. Isto implicou, na pesquisa realizada, em documentar; explicar como o grupo de artesãs articula a sua formação com a gestão dos processos no artesanato.

Dentre os achados da pesquisa realizada com o grupo gostaríamos de abordar, neste texto, alguns aspectos que pensamos estarem diretamente ligados com o desenvolvimento do turismo no município onde as artesãs residem. Dentre eles situamos: as dificuldades que as artesãs enfrentam na gestão do processo de criação e design de produtos; as dificuldades no processo de criação de produtos que reflitam a cultura local; as dificuldades no processo de criação de produtos com a temática voltada para o município e como exemplos desse podemos citar a paisagem natural e a sua gente.

A formação das artesãs que, basicamente, ocorre por meio de: palestras sobre legislação e normas de etiquetagem; participação em seminários de artesanato e que sempre abordam um tema específico relacionado às demandas do ofício de artesã/o; visitas técnicas realizadas a outros grupos de artesanato localizados em outros municípios e que tem exercitado a relação entre: turismo, cultura material e imaterial e o artesanato; e, ainda, a capacitação por meio de oficinas de ensino e aprendizagem de técnicas artesanais. Evidenciamos, junto ao grupo, de que tudo isso não têm permitido que as artesãs se voltem para novos e outros modelos de gestão pautados na realidade local.

Hoje, o grupo tem se dado conta que necessita vivenciar outros processos de aprendizagem pautados na realidade local e com base nas próprias experiências de vida. Pois, ao ser convidado, durante um grupo de discussão, para avaliar a formação percorrida nos últimos anos com foco no seu trabalho, no seu ofício, o grupo compreendeu que esta não lhes tem auxiliado na construção de um caminho próprio. Os modismos e a criação e produção com base em modelos é um aspecto marcante na formação e reconhecido pelo grupo.

As metodologias utilizadas na formação e capacitação para o ofício, nesse grupo, têm impedido o despertar para a capacidade autoral que estabelece relação com as habilidades de criação, inovação e invenção e que são inerentes à perícia artesanal da qual nos fala Sennett (2009). O impedimento do desenvolvimento dessas habilidades induz as artesãs a copiarem, metodicamente, modelos e temas e impedindo assim a criação. Elas acabam não se dedicando o tempo suficiente, deixando de mourejar em torno de uma mesma experiência de trabalho, Sennett (2009). Mourejar é fundamental para poder investigar e solucionar. Adélia Borges (2011) também tem buscado refletir sobre as metodologias utilizadas na formação, na qualificação, de artesã[o]s em diversas regiões do país. Para a autora, é preciso desenvolver metodologias de ensino para fazer com que artesã[o]s possam usufruir plenamente das experiências que estão tendo no dia-a-dia do seu trabalho, ou seja, durante a gestão de cada etapa e também tudo o que está relacionado à sua vida social. Desse modo, surgem questões importantes a partir do grupo pesquisado:

Como produzir produtos com identidade própria se a base da formação induz a utilização de moldes prontos?

Como produzir novos conhecimentos sobre a história e memória local e como potencializar esse conhecimento na gestão do processo da criação e do desenvolvimento do design de produtos artesanais?

Como pano de fundo dessas questões tem-se a participação do grupo, com a venda de seus produtos, no roteiro turístico “Caminho das Velhas Colônias” e assim o contato direto com turistas que fazem o trajeto da rota. E são essas experiências, de contato direto com turistas, que estão provocando o grupo a rever, não somente a gestão dos processos do seu trabalho, mas, sobretudo, a produção de conhecimentos sobre a história e memória da sua gente, do seu município e da sua região.

2. O TURISMO E OS DESAFIOS DA CRIAÇÃO E PRODUÇÃO NO ARTESANATO

No decorrer do desenvolvimento territorial da microrregião a qual o município de São Pedro da Serra pertence, encontramos uma experiência de um processo de desenvolvimento territorial pautado no turismo rural e que teve os escritórios locais da Emater-Ascar/RS como principais agentes organizadores dessa experiência. Contando com o apoio de diversos órgãos municipais das prefeituras envolvidas, diferentes Associações e Grupos Organizados, dentre eles os de Artesã[o]s.

Conforme o relato apresentado por Forneck [et al] (2005) a partir da caminhada de construção desse processo, que se iniciou no final dos anos da década de noventa, verificou-se

que a microrregião na qual o município de São Pedro da Serra se encontra inserido tinha um potencial turístico expressivo, principalmente com enfoque no rural. A microrregião é formada pelos municípios de Barão, Brochier, Maratá, Salvador do Sul e São Pedro da Serra. Podemos dizer que o potencial desses municípios também ocorre pelas suas lindas paisagens naturais e que ficam no caminho de quem vai da capital para a serra gaúcha. Na experiência do desenvolvimento territorial dessa microrregião o artesanato foi considerado, para os idealizadores, como um item prioritário:

O artesanato, além de ser um atrativo turístico, é um fator de inclusão social, inserção no mercado de trabalho e de preservação da história e cultura de um povo. Assim esta atividade sofreu um incremento em qualidade e quantidade produzida, conseqüente de um processo de capacitação e formação dos artesãos (sic) da microrregião e, um aumento de consumo, proveniente da demanda dos turistas. Oficinas microrregionais de artesanato em cestaria de bambu, cipó e vime, vassouras de palha, palha de milho, bordados antigos, tecelagem, macramé, fibra da bananeira, entalhe em madeira, empalhamento de cadeiras, fuxico, tricô com a participação de 98 artesãos foram realizadas nos períodos 2003, 2004 e 2005 (FORNECK et al, 2005, p. 49).

As artesãs do grupo participaram desse processo que visava à qualificação e à formação para o trabalho artesanal tendo em vista produzir objetos artesanais para o roteiro turístico que na época estava sendo criado. Seguem se aperfeiçoando, mas como vimos, por meio do nosso estudo (Becker, 2014), a formação que buscam não lhes tem auxiliado a engrenar processos mais criativos.

A influência do turismo sobre o artesanato é explicado, quando os turistas, ao visitarem o ponto de venda das artesãs, solicitam produtos com design e temas que possam permitir a eles a leitura e o reconhecimento da cultura local. Os turistas acabam exigindo do grupo conhecimentos da história e da cultura local e o grupo se vê forçado a obter conhecimentos relacionados a essas questões e, além disso, repensar a sua produção especialmente o processo de criação e design.

Isso lembra a confluência entre empreendedorismo e cultura e que pode ocorrer sob diferentes maneiras. Hilka Pellizza Vier Machado e Marcela Moura Basaglia (2013) nos fornecem algumas indicações para compreender essa relação. Uma das possibilidades para essa relação acontecer é quando a cultura influencia o empreendedorismo e a outra quando o empreendedorismo influencia a cultura. No caso da experiência do grupo de artesãs, podemos dizer que elas tem se aproximado da segunda possibilidade uma vez que, o turismo visto como empreendimento feito a nível regional está “forçando” o grupo na produção de novos

Desafio Online, Campo Grande, v.5, n. 1, art.4, Jan./Abr. 2017. www.desafioonline.ufms.br

conhecimentos sobre a história e a memória local e desafiando a criação de produtos com base na construção desse tipo de conhecimento.

Trabalhar no sentido da valorização da cultura material e imaterial do passado e do presente, no âmbito local, tem sido um tema de discussão muito caro para o grupo, uma vez que elas têm percebido que os turistas desejam adquirir produtos que reflitam a identidade local. No entanto, como as artesãs se baseiam muito em modismos do momento elas não conseguem desenvolver produtos que contemplem a cultura e a identidade local. Também não há um consenso a respeito do que poderia ser importante, valorizado e aprofundado a partir da cultura material e imaterial e muito menos como pensar o artesanato na relação com a identidade local. Isso gera um mal estar no grupo que se explica pela formação que não lhes auxilia desenvolver um trabalho com base na observação da própria gestão do artesanato, em especial das etapas da criação e da produção. Além disso, a formação lhes permite refletir muito pouco sobre a cultura local baseada no presente e no passado.

A valorização da cultura material e imaterial, a que comumente o grupo tem se referenciado, está fortemente pautado em uma dimensão que perpassa pelo ensino e aprendizagem de técnicas e o uso de matéria prima utilizada em épocas passadas na confecção de objetos utilitários e decorativos pelas pessoas que povoaram o município e sua região. Essas técnicas acabam, hoje, sendo aprendidas e utilizadas pelas artesãs para seguir modelos e desenhos prontos com base no que o mercado nesse ramo apresenta. Assim podemos afirmar que não é a retomada isolada de técnicas e o uso de matéria prima local que sanará as questões ligadas ao conhecimento e valorização da memória e história local. É preciso avançar e criar conhecimentos, sobretudo, em torno dessa questão, pois de nada adiantará retomar o ensino e a aprendizagem de técnicas artesanais se isso for feito fora do contexto cultural do passado e do presente a que essas técnicas pertencem.

As dificuldades expressadas pelo grupo em relação à produção com base na história e memória local podem ser explicadas com auxílio de John Dewey na sua reflexão sobre a experiência concreta:

Quando um (sic) artista não aperfeiçoa uma nova visão em seu processo de fazer, ele (sic) age mecanicamente e repete algum velho modelo (DEWEY, 2010, p.132).

Quer dizer que é no ato de fazer as coisas, durante o processo de produção, de confecção, que segundo Dewey, está o segredo para a criação. Para Sennett (2009,

p. 149), “é preciso mourejar no trabalho”, ou seja, envolver-se durante longos períodos em uma mesma atividade e, no caso das artesãs seu trabalho se potencializaria se
Desafio Online, Campo Grande, v.5, n. 1, art.4, Jan./Abr. 2017. www.desafioonline.ufms.br

permanecessem com mais tempo trabalhando com uma mesma técnica e matéria prima o que poderia desencadear a descoberta de coisas novas. O autor trata das três habilidades que constituem a perícia artesanal: a capacidade de localizar, a capacidade de questionar e a capacidade de abrir. A capacidade de localizar diz respeito à possibilidade de especificar onde está acontecendo algo importante; a capacidade de questionar é uma questão de investigar o ponto de localização e a capacidade de abrir um problema depende de saltos intuitivos.

As artesãs têm localizado o problema ao perceberem que todas se baseiam muito na reprodução de produtos e algumas têm maior consciência disso e outras menos. Partindo do pressuposto das três habilidades que constituem a perícia artesanal de Sennett (2009), as artesãs têm localizado, em certa medida, o problema que reside no fato de embasarem sua produção nos modelos prontos e caindo nos modismos de mercado, no entanto, não estão conseguindo investigar melhor esse problema por elas detectado e por isso também tem dificuldade em abrir-se para ele.

Há assim uma grande dificuldade que esse grupo tende a vencer: traduzir para produtos algo que possa fazer refletir o lugar onde vivem e disso não depende apenas o resgate de técnicas e o uso de matéria prima local. Para interpretar essa situação, que tem ligação, também, com as outras dificuldades que o grupo enfrenta como: o de “transpor as ideias”, o de criar produtos que contemplem a cultura e a identidade local buscamos em Freire (2011) auxílio para nossa interpretação. Com sua Pedagogia do Oprimido, aprendemos que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Podemos dizer que, se no artesanato se requer a feitura de coisas que resguardem a identidade local e o regate da cultura, como é o caso do grupo, a leitura de mundo também precede tal fazer. E isso exige a ação-reflexão (dialética), que é o fazer e o saber reflexivo desse fazer.

Para Machado e Basaglia (2013, p. 19) a falta de associação ou o distanciamento entre teoria e prática incidirá em empreendimentos pouco inovadores ou então de imitação. Em parte isto ocorre com o grupo pesquisado, pois a formação não tem permitido, em boa medida, que as artesãs tomem a ação-reflexão (FREIRE, 2011) e acabam caindo nos modismos. E os modismos requerem a troca constante de técnicas e aquisição de novas e diferentes ferramentas fazendo com que a artesã deixe de mourejar (Sennett, 2009) em torno de uma mesma experiência de trabalho.

Além do desafio de produzir um artesanato que possa estar em relação com a cultura local é preciso produzir conhecimentos sobre essa própria cultura. E, por isso a pergunta: como produzir novos conhecimentos sobre a história e memória local e como potencializar esse conhecimento na gestão do processo da criação e do desenvolvimento do

design de produtos artesanais? – passa a se colocar no centro do debate para o grupo em questão.

3.O TURISMO E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS COM BASE NA HISTÓRIA E NA MEMÓRIA LOCAL

Na experiência de pesquisar com comunidades que desenvolvem o turismo rural as autoras Vera Santos e Lucy Machado (2006, p.12) afirmam que é necessário encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento turístico e a proteção da identidade das comunidades locais, visando minimizar esses efeitos e proporcionar à região um real desenvolvimento endógeno.

O turismo no espaço rural é um claro exemplo de como a atividade pode impulsionar o desenvolvimento endógeno, fazendo aflorar e mobilizar recursos e capacidades inutilizadas e dispersas (SANTOS; MACHADO, 2006, p.15).

Também com suas experiências de pesquisar o crescimento da atividade turística em São Tomé das Letras/MG, Alexandre Andrade e Roberto Neto afirmam que:

Os habitantes, responsáveis e favorecidos pela atividade turística, têm maior interesse na conservação da paisagem e da cultura de sua localidade, pois essas são fundamentais na vinda dos visitantes (ANDRADE; NETO, 2006, p.117).

Na nossa experiência de pesquisar com o grupo de artesãs do município de São Pedro da Serra/RS podemos afirmar que se gerou uma consciência nesse grupo, a partir do contato com os turistas, de que não dá mais para seguir produzindo artesanato com base nos modismos do mercado e, sim, em um voltar-se para a sua cultura. E o turismo por meio do roteiro turístico “Caminho das Velhas Colônias” passa a assumir menos importância econômica direta como pela geração de emprego e renda e maior importância na dimensão da esfera sociocultural, caracterizada pela necessidade de valorização da cultura, dos hábitos e da trajetória histórica da comunidade local e da valorização dos recursos naturais.

Nasce, dessa forma, o desejo de um processo de alfabetização cultural (Horta, 2000) que possa estar sustentado em três pilares: perceber, compreender e usufruir, tendo em vista o patrimônio cultural e natural local. Para desenvolver a percepção e a compreensão torna-se importante a habilidade de saber “ler” o texto cultural quer seja em âmbito local ou regional. Esse texto cultural que é com base em Horta (2000, p.16) “o sistema de

significações e de expressões particulares, a sua linguagem cultural própria.” A leitura crítica do texto cultural, do patrimônio coletivo nele manifesto de diferentes maneiras e por diferentes linguagens, é essencial para o exercício da cidadania e para a construção de novos conhecimentos sobre a história e a memória de uma comunidade.

O “patrimônio cultural” está na cabeça das pessoas e só tem sua existência garantida no momento em que é utilizado conscientemente pelos indivíduos, como base para a interação na vida social, para o enriquecimento e o desenvolvimento da vida individual e coletiva, para o reforço de sua identidade, de sua auto-estima, de sua capacidade de decisão e autodeterminação (HORTA, 2000, p.17).

Nos últimos anos ganhou significada importância a metodologia da Educação Patrimonial. Essa metodologia tem servido de subsídio para inúmeras comunidades despertarem para a cultura produzida por elas ao longo dos tempos, sugerindo uma retomada dos valores culturais e históricos relativos às suas comunidades. André Soares e Sérgio Klamt (2007) situam algumas práticas educativas com base nessa metodologia. No livro por eles organizado podemos encontrar diversos casos que reforçam e colocam essa metodologia como responsável pela formação cidadã e capacitando as pessoas a construir as próprias ferramentas, ou seja, as “lentes” para poderem ler criticamente o seu patrimônio natural e cultural.

Desenvolver a habilidade de “ler” o texto cultural para compreendê-lo é como que abrir os olhos e ver as coisas que até então não se considerava importantes (Horta, 2000) e isso pode vir a se constituir um possível caminho a ser feito pelo grupo de artesãos para que reconheçam e construam novos conhecimentos com base na história e na memória da sua gente e do seu lugar. Sabemos que os passados são sempre construções e que revisitá-los exige compreensão da complexidade histórica e uma ação de compromisso com a Educação e a Cidadania. Ter presente, ainda, de que os lugares são feitos de histórias, memórias, lembranças, marcas de vidas e das muitas passagens dos tempos torna esse exercício bem mais complexo.

É através da cultura material e imaterial que se concentra a passagem do tempo, assim, a leitura a ser feita parte das experiências humanas acumuladas que se desdobram na memória, diante da imagem do presente. A cultura é desse modo, compreendida como uma categoria social dinâmica mediada pelos processos históricos. Refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado é o desafio que se impõe ao grupo de artesãos em decorrência das suas experiências entre turismo e a produção artesanal. É o turismo

mostrando que a comunidade necessita conhecer e reconhecer sua história e memória. E o desafio do grupo de artesãs é construir conhecimentos nessa direção tendo em vista a produção no artesanato.

A percepção, por parte do grupo pesquisado de que o turismo, a cultura e o artesanato podem convergir para um desenvolvimento endógeno serve de impulso para que o grupo venha a trilhar outros caminhos formativos tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. E a metodologia da Educação Patrimonial pode vir a ser um dos pontos de partida e que poderá fornecer ferramentas para a leitura do texto cultural local e, subsequente, para a produção de novos conhecimentos sobre a cultura local podendo esses conhecimentos servir também para que o trabalho no artesanato possa ter uma base mais criativa e autônoma.

3. CONSIDERAÇÕES

Nossa identificação com a Educação Popular, com a Pesquisa Participante e com as Teorias Feministas, tem nos permitido cultivar a sonoridade (Lagarde de los Ríos, 2012) junto às artesãs que participaram da pesquisa que desenvolvemos. Desse modo seguimos acompanhando o grupo e participando de suas ações e nos envolvendo em momentos que visam construir projetos para a obtenção de novos conhecimentos considerando as duas questões que apontamos na introdução deste texto.

Retomamos essas duas questões. A primeira: como produzir produtos com identidade própria se a base da formação induz a utilização de moldes prontos? E a segunda: como produzir novos conhecimentos sobre a história e memória local e como potencializar esse conhecimento na gestão do processo da criação e do desenvolvimento do design de produtos artesanais?

Considerando essas questões seguimos atuando junto ao grupo com vistas à construção de caminhos formativos e de geração de conhecimentos. Entendemos que: turismo, cultura e artesanato formam um tripé podendo, este tripé, formar a base de novas experiências formativas e de qualificação profissional das trabalhadoras artesanais no município pesquisado. No desejo de que essas novas experiências impactem na melhora da criação e produção artesanal e na valorização da cultura local.

Desse modo está sendo construído, coletivamente, um plano de ação (plano de trabalho) que possa atender as demandas das duas questões apresentadas pelo grupo de artesãs. Dentre os objetivos desse plano temos traçado até o momento: a) retomar os trabalhos da gestão municipal em relação à valorização da cultura local; b) promover encontros-estudos sobre a história e memória da comunidade; c) desenvolver atividades de Educação

Patrimonial com o grupo de artesãs, comunidade escolar e demais grupos organizados do município; d) realizar atividades que envolvam estudos e pesquisas sobre as potencialidades econômicas do município; e) desenvolver o turismo com base em um desenvolvimento endógeno; f) buscar um novo formato de qualificação para o trabalho no artesanato considerando os demais objetivos traçados no plano de ação.

O plano de ação demanda o envolvimento de profissionais capacitados em diversas áreas do conhecimento. Citamos algumas que já estão tendo envolvimento com o projeto que aos poucos vai tomando forma: Turismo, Design, Pedagogia e Educação. Sendo que uma profissional do Turismo e outra do Design estão conhecendo a realidade do grupo de artesãs a fim de dar as suas contribuições na construção do plano de ação, considerando cada qual sua área de formação.

Talvez possamos apontar, a partir da nossa experiência, três aspectos que consideramos os mais importantes a serem considerados na relação turismo – artesanato – cultura na realidade do grupo de artesãs de São Pedro da Serra/RS: a) cursos de qualificação e profissionalização das artesãs com base na cultura local e regional; b) cursos de alfabetização cultural para capacitar as artesãs e demais membros de sua comunidade (espaço escolar e de grupos e associações locais) na leitura do texto cultural produzido localmente; c) desenvolvimento das atividades de turismo com base no conceito do desenvolvimento endógeno.

Para que o Turismo Rural possa acontecer de forma harmoniosa, como apontam Rachel de Oliveira e Soraia Kraisch (2006, p.251), ele deverá atender os interesses da comunidade local, do turismo e do meio ambiente. E, a esta afirmação das autoras acrescentamos: o respeito à cultura local.

AGRADECIMENTOS

As artesãs (nomes fictícios): Orquídea, Lírio, Camélia, Margarida, Gérbera, Estrelícia, Girassol, Amarílis do grupo de artesãs do Município de São Pedro da Serra, RS pela sonoridade. E as demais profissionais que estão se esforçando para melhorar a qualificação dessas artesãs e desse modo estão contribuindo para a cidadania e para o desenvolvimento endógeno da Região com base na cultura e no artesanato, tendo em vista o crescimento do potencial turístico do município das artesãs.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alexandre C.de; NETO, Roberto M. Recursos paisagísticos, turismo e degradação ambiental no Município de São Tomé da Letras (MG) In.: PORTUGUEZ , Anderson P.[et al] orgs. Turismo no espaço rural: enfoques e perspectivas. São Paulo: Roca, 2006. p.113-124.

BECKER, Márcia Regina. A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2014.

BORGES, Adélia. Design mais artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. 239p.

DEWEY, John. Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FORNECK, Gledes M. [et al]. O desenvolvimento territorial na microrregião de Salvador do Sul: estudo de caso de turismo rural. Revista Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável. Porto Alegre, v1 n.4, nov/dez 2005. P. 44-51.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HORTA, Maria de L.P. Patrimônio cultural e cidadania. In.: SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA.

Museologia Social. Porto Alegre: unidade Editorial, 2000. p.11-20.

LAGARDE DE LOS RIOS, Marcela. El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías. 2012. Livro eletrônico. Disponível em < www.inmujeres.df.gob.mx>.

MACHADO, Hilka P.V.; BASAGLIA, Marcela M.

Empreendedorismo e Cultura como campo de estudos complementares. In.: MACHADO, Hilka P.V. (org.)Empreendedorismo, oportunidades e cultura: seleção de casos no contexto brasileiro. Maringá: Eduem, 2013.

MELLO, Marco. Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto. Porto Alegre: Editora Ísis, 2005.

OLIVEIRA, Rachel A. de; KRAISCH, Soraia D. Planejamento turístico em áreas rurais: busca de sustentabilidades. In.: PORTUGUEZ , Anderson P.[et al] orgs. Turismo no espaço rural: enfoques e perspectivas. São Paulo: Roca, 2006. p.113-124.

SANTOS, Vera L. dos; MACHADO, Lucy. Dimensões do turismo no espaço rural: seus impactos e a experiência da população local no Vale do Médio Tietê (SP). In.: PORTUGUEZ , Anderson P.[et al] orgs. Turismo no espaço rural: enfoques e perspectivas. São Paulo: Roca, 2006. p.5-16.

SENNETT, Richard. O Artífice. Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. São Paulo: Record, 2009.

SOARES, André L. S. de; KLAMT, Sérgio C. (orgs). Educação Patrimonial: Teoria e Prática. Santa Maria: Editora da UFSN,2007. 200p.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In.: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In.: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Pretrópolis, RJ: Vozes, 2010.